

## AS ARTES DO OLHAR:

## ARTES VISUAIS DA POTÊNCIA À CRIATIVIDADE

THE ARTS OF LOOKING:  
VISUAL ARTS FROM POTENCY TO CREATIVITY

**Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos**  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

**Resumo:** Este é um relato de conferência organizado para dialogar com a mesa redonda Criatividade e perspectivas na Arte Contemporânea dentro da Jornada Brasil do Seminário Iberoamericano sobre o Processo de Criação – Poéticas 2022. Neste sentido, intenta delinear o universo da potência e da criatividade e suas conexões enquanto estética e poética em Artes Visuais. Assim, revisita memória e história do olhar em uma narrativa que traz do arquivo da atuação docente na graduação e na pós-graduação suas significações, elencando os modos de perceber, sensibilizar e revisar construídos.

**Palavras-chave:** Artes visuais; criatividade; potência; estética; poética.

**Abstract:** *This is a conference report organized to dialogue with the round table Creativity and perspectives in Contemporary Art within the Brazil Journey of the Iberoamerican Seminar on the Process of Creation - Poetics 2022. In this sense, it attempts to outline the universe of potency and creativity and their connections as aesthetics and poetics in Visual Arts. Thus, it revisits memory and history of the gaze in a narrative that brings its meanings from the archive of teaching activities in undergraduate and graduate studies, listing the ways of perceiving, sensitivity and reviewing constructed.*

**Keywords:** *Visual arts; creativity; potency; aesthetics, poetics.*

## 1. Uma costura do passado para o presente

Do presente agora em criação por nós que aqui estamos, espero que estejam mesmo aqui, presentificando o tempo-espaço desse momento em conjunto. Vocês estão aqui, conseguem realmente me ver e escutar, ao mesmo tempo em que conseguem se ver e escutar? Alinhavo o nó para o nós na costura que vou delineando, com o desejo que prescinda o estímulo da atenção. Que minhas palavras aqui virem encadeamentos do porvir, em trama, prosa e contextos. Trago não verdades absolutas, mas recortes que traduzem um universo particular desde a memória e que por sua significação na minha construção até o hoje, interpreto que mereça ser compartilhado.

Assim sendo, ressalto que o futuro da inovação depende do fomento ao desenvolvimento da criatividade. Não há inovação sem as habilidades e competências que são estimuladas desde a infância, potencializadas dos processos da imaginação, construção e revisão a partir do que é visto, na configuração da compreensão de mundo.

Desse modo, a poética aparece nos trabalhos que vão sendo produzidos no processo criador, depois de mudanças, encontros e desencontros de modos de olhar, pensar e fazer, ela reside as configurações da produção de artistas e de professores e está presente em grande parte da produção em Arte Contemporânea. Por que em grande parte e não em toda? A poética é um resultado e muitos produtos são processos para a construção de uma poética. Considero produtos artísticos pois obras de Arte necessitam da validação do Mercado da Arte e dialogam efetivamente com a História da Arte Ocidental. Os produtos artísticos podem ou não partirem de objetos apropriados, e podem ou não serem considerados e valorados como obras de Arte.

Dou espaço então a um recorte da linha, para contextualizar onde meu olhar como professora, artista e pesquisadora começou a enxergar com amplitude as potências da criatividade. Continuo então essa fala, trazendo uma memória da profissão docente na universidade que me atenta sobre como a criatividade se torna potência desde o espaço da sala de aula. Em 2009, comecei minha trajetória na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, lotada na Licenciatura em Artes Visuais, um curso novo a ser ofertado em período noturno e que estava sendo implantado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI.

Trabalhando com processos artístico/educativos e lembrando vez ou outra da prova didática que realizei no concurso para a UNIVASF, cujo tema versou sobre Ferramentas Didáticas no ensino de Artes Visuais, escutei o conselho da professora doutora Lúcia Pimentel da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG sobre a necessidade de se pesquisar os materiais didáticos na área e organizei um Laboratório de Produção Didática em Artes Visuais – LAPDAVIS.

Consistindo em um espaço amplo que no começo foi montado com duas pias, duas lousas brancas enormes, 25 cadeiras, várias mesas que mudavam de configuração conforme as atividades, dois armários. Nesse local, fui lecionando várias disciplinas que iam sendo criadas à medida que o currículo do curso ia sendo implantado, podendo desenhar os territórios que ia atravessando à medida em que compartilhava experiências com colegas docentes e discentes. Assim, fui desenvolvendo projetos e montando o mobiliário da sala onde funcionava o LAPDAVIS, rumando processos criativos do ensino de Artes Visuais,

Arte/Educação Ambiental, Neurociência e Ecodesign, o que proporcionou em vários momentos por intermédio de experiências do ensino, da pesquisa e da extensão pontes transversais entre Artes Visuais, Educação Contextualizada para o Semiárido, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Ciência da Computação, Educação Física, Enfermagem, Medicina, Psicologia e Ciências Sociais.

Na participação ativa de discentes dos cursos supracitados e de comunidade externa dialogando em aulas, minicursos, oficinas abertas, workshops, fui percebendo as potências da criatividade desde a revisitação da Educação Estética, onde são construídas as possibilidades de ampliação do olhar a partir do perceber e pelo sensibilizar.

Desse modo, os trabalhos dessas experiências no LAPDAVIS da UNIVASF foram ponto de partida para outros caminhos, que delineio adiante. Por agora, faço outro recorte, de maneira a traduzir que conceitos e contextos venho elaborado da teoria e história da Arte quando se pesquisa, cascavilha e vai construindo processos criativos por meio das diferentes potências das Artes Visuais.

## **2. Breve conexão de conceitos e contextos da potência na criatividade**

Na História do Ocidente tal qual a conhecemos, a criatividade esteve embasada no processo de pensar e de fazer da humanidade, encontrado na filosofia Greco-romana na divisão do trabalho conforme quem pensava (filósofos) e quem agia (trabalhadores manuais). A distinção entre agir e pensar gerou no desenvolvimento das civilizações um processo progressivo de relativizar o trabalho e o esforço dando valorações que interferiram no julgamento sobre a relevância de um tipo de processo criativo (pensar) em relação a outro

(fazer).

Assim, havia um primeiro pré-conceito com o ato criador tornado culturalmente pelas gerações seguintes e chegado aos dias de hoje, a referência dual e opositiva entre a criação manual e criação mental que na modernidade foi revisitada como relação entre razão (pensamento) e ação (gesto). Por essa razão, na História de artistas e de professores de Artes Visuais, encontram-se discursos que relatam e atuam direta ou indiretamente na prática da construção do processo criador esses posicionamentos, como se o ato manual não estivesse relacionado a um processo cognitivo, que construísse conexões do que se sabe e do que se produz. Com isso, as potências do processo de imaginar e produzir foram apreendidas socialmente como não potências (do não posso), tornando inútil a energia e a dinâmica do poder (AGAMBEN, 2006).

Na invenção da Modernidade pós-Revolução Industrial e no seu decurso temporal até meados do século XX, podem ser encontradas reações que vão, com apoio dos estudos da Psicologia do Desenvolvimento, trazer outras perspectivas sobre o olhar, o imaginar e o criar. a criatividade tem sido tema, fonte e foco de estudos e investigações desde o fim do século XIX. Isso se deu também no âmbito das políticas públicas educacionais, como consequência da necessidade de promover educação para um maior número de pessoas da infância à adolescência no processo de industrialização europeia. Por isso, na área de Artes Visuais, quando se enfoca nas questões da criatividade, se tornam referência a se pensar uma articulação de coerência sobre os processos criadores e suas potências desde a infância autores como (Lowenfeld e Brittain, 1947) Piaget (1976) e Vygotsky (2007). A despeito disso, pode-se inferir que essas discussões despontam

na formação de artistas e professores nas universidades brasileiras, especialmente após promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 1994/1996 que foi ponto de partida para a reformulação dos currículos da graduação. Dessa maneira, como observado por Vasconcelos (2015) podem ser encontrados nos currículos atuais das licenciaturas e bacharelados no país correlações com a Educação Estética seja pelo olhar de Porcher (1982), Ostrower (1983, 1987) e Duarte Jr. (1994), entre outros que foram adentrando no cotidiano das aulas mediando a reflexão entre Arte, Educação e Criatividade.

Na contemporaneidade, interpreto decolonialmente como o desenvolvimento do processo criador, fazendo conversar razão (pensamento) e ação (gesto) ao mesmo tempo. Assumo que no adulto reside a criança como esse “outro” de Bhabha (2012), um outro que foi espelhado pelas teorias, estudos e testes psicológicos, enquadrado em fases e propostas de desenvolvimento de habilidades e competências específicas nos currículos e que chega nas escolas como potência, que pode ou não pode ter acesso e construir qualitativamente a criatividade.

Retomando e relendo Saussure (2006) para o âmbito das Artes Visuais como expressão e conhecimento com diversas linguagens no processo criador, alio a noção de árvore. Quando vemos uma árvore na nossa mente, imaginamos sua configuração, cada uma refletida em um desenho de árvore específico. A árvore que eu imagino agora nunca será igual a sua, pois vivemos e experienciamos de modo diferente, por essa razão, temos sensibilidade e percepção desenvolvidos em níveis diferentes. Antes dela existir enquanto palavra e enquanto imagem concreta, a árvore forma imagem mental. Essa árvore é a criatividade. Quanto

mais possibilidades de a ver registradas no arcabouço da memória, maiores são as chances de a potencialidade do poder ser criativo estar presente.

Destarte, dos conceitos e contextos até aqui delineados, revisito a divisão entre concepção do processo e processo de produzir. Tal como Corrêa (2022), interpreto que o “processo de criação e as potencialidades criativas como inerentes e necessárias às atividades humanas, as quais circunscrevem-se nas diferentes dimensões da vida.” (CORRÊA, 2022, p. 65). Essas dimensões da vida começam na criança e são reverberadas na fase adulta. A criança que vive no adulto que cria, é configurada como identidade do processo criador e construída na infância, refletida na maturidade. Concordando com Focchi in Redin (2014), o processo criador necessita estar nas pessoas desde os primeiros contatos com outras e com o meio, precisando ser estimulado, trabalhado com diferentes materiais, construído como pensamento contínuo em alargamento, em elasticidade, experienciando as potências do poder nas salas de aula.

Diante do enunciado, pontuo características de conceitos a contextos que considero importantes para a criatividade ser presentificada a qualquer pessoa e em qualquer faixa etária:

- Estimular a sensibilidade (da sensação e dos sentidos) pela apropriação de materiais diversos, do cotidiano aos inusitados;
- Desenvolver as potências do poder em processo criador nas potencialidades artísticas que todos os indivíduos têm, desde a infância e
- Rever os processos criadores para abrir territórios ampliados à constituição de poéticas na Arte Contemporânea;
- Construir pontes entre a experiência obtida nos contextos vividos com a experiência

atual com uso de associação de imagens na imaginação, promovendo ambientes de ideias inovadoras em processos criativos articuladores e transversais.

### 3. Potências da criatividade revisitadas: a construção da inovação

Voltando ao recorte do começo dessa narrativa, de lá para cá, fui redistribuída em dezembro de 2019 para o Departamento de Artes Visuais - DART da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e nessa trajetória geográfica e afetiva, trouxe na bagagem as experiências e referências da UNIVASF, re(a)vendo o mapa epistemológico do Brasil decolonialmente, tal qual o desenho cartográfico da América do Sul de cabeça para baixo do artista uruguaio Torres Garcia (Fig.1) e na vontade de ir adiante, pé com pé, trazendo e ampliando o olhar de modo crítico e reflexivo desde o Sul do país.

Em 2020, criei o Grupo de Pesquisa Artes

Visuais e Criatividade – AVEC, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ<sup>1</sup> e conectado ao DART e ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGART da UFSM. Por meio dele, desenvolvemos até os dias atuais 14 projetos de ensino, extensão ou pesquisa, dos quais 7 foram concluídos e 7 estão em andamento<sup>2</sup>.

Por conseguinte, em 2021 foi ofertado pelo PPGART a disciplina que desenvolvi com apoio dos colegas docentes e aprovada em colegiado, denominada Processos Criativos, Experiência e Arte Contemporânea no âmbito do Mestrado e do Doutorado. Como objetivos procura desenvolver noções poéticas sobre os recursos

1 O Grupo AVEC/CNPQ possui a seguinte página com materiais e informações dos trabalhos que foram e estão sendo desenvolvidos: <<https://www.ufsm.br/grupos/avec/>> . Acesso em 05 de outubro de 2022.

2 Os projetos desenvolvidos pelo Grupo AVEC e no DART podem ser consultados em:< <https://ufsmpublica.ufsm.br/docente/23753/projetos>> . Acesso em 05 de outubro de 2022



Figura 1.  
À esquerda: relógio com mapa da América do Sul de cabeça para baixo. À direita: objeto decorativo com poética do artista. Loja de produtos do Museo Torres Garcia. Foto de viagem a Montevidéu, Uruguai. 2016 (Fonte: Acervo particular da autora)

e processos de criação na Arte Contemporânea, construir interpretações acerca da potência, do espaço da criatividade e da experiência no processo criador e articular interpretações desde as obras de Arte e visualidades, possibilitando discussões emergentes no cerne da percepção, da representação e da cognição.

A criatividade então fisicamente tomou forma em espaço no Laboratório de Criatividade e Inovação – LACRIA, sala 1022 do bloco 40. Neste local, tenho permeado processos que visam promover qualitativamente ensino, extensão e pesquisa desde as Artes Visuais, de modo transversal e contextualizado.

Por consequência, a inovação é esse espaço onde a potência foi constituída em processo e experiência de modo em que a criatividade promoveu uma outra maneira, um olhar diferenciado e gerou um produto que tem aplicabilidade, conectividade, capacidade de compartilhamento e representação.

A inovação não opera apenas como plataforma embalada em produtos, técnicas e tecnologias, também atua como um modus operandi de quem tem o comportamento criativo, da conexão entre pensamento e gesto até a articulação e operacionalização de materiais diferenciados a partir de imagens. Por isso, a criatividade nas Artes Visuais é zona estratégica do desenvolvimento humano para o futuro. Como um músculo, a criatividade não pode ficar parada ou ela some, precisa ser trabalhada no cotidiano das casas, salas de aula e espaços onde se vive a experiência.

Uma poética na Arte Contemporânea pode ser inovadora? Depende do olhar tanto de quem cria quanto de quem frui o que é produzido. Com um desenvolvimento da criatividade e na multiplicidade de processos, isso não é impossível.

Compreendo que é necessária atenção ao

olhar, o que a Estética, por meio da sensibilidade e da percepção, suscita da evolução do ato de apreciar ao ato de fruir. Nascermos vendo tudo e aos poucos conseguimos observar e focar, registrando o que vemos por meio de um complexo procedimento de seleção, classificação e configuração. O olhar é treinado pela sociedade e a partir dela ele precisa ser ampliado nas potências que nele reside. Com essa noção, pode-se conseguir unir a criatividade além do desejo de ser criativo, mas a um tornar-se. Disso, a inovação é gerada.

#### 4. Conclusão

Intentei com esse relato demonstrar caminhos percorridos por intermédio de recortes, pontuados e costurados conforme as noções e experiências de ensino, de pesquisa e de extensão que tive com a criatividade, me fizeram re(a)ver a potência do pensamento e do gesto criador a partir da universidade.

Portanto, reflito que a Arte Contemporânea, tema da mesa que aqui colaboro, é um tempo-território de potências da produção de artistas na qual emergem encontros com o passado no presente e vislumbres do futuro. Perceber que a criatividade vem da potência construída com uma gama de processos criadores, na apropriação de materiais, na amplitude de meios de perceber o que à primeira vista parece óbvio ou sem sentido se dispõe como essencial para que a Arte Contemporânea vá além do discurso e ressignifique o olhar de quem cria a quem frui. Há dias tenho me encontrado em uma frase impressa na parede presente nos corredores onde fica o LACRIA “Todo ponto de vista é visto de um ponto” e fico na mente, brincando com as potências dessa frase. Reverberando, encontro “Toda vista vem de um ponto”, “O que é visto de um ponto pode ter reticências”, “Toda vista pode ser alterada a depender do ponto”, “Não

há vista sem um ponto de partida”, e por aí vai.

Esse último exemplo que trouxe aqui é uma amostra do que o potencial criativo pode suscitar na mudança do olhar das pessoas e trazer recursos que tragam a inovação, dialogando sempre em primeira potência com as Artes Visuais, o que considero as Artes do olhar.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. *La Potenza del Pensiero*. Tradução de Carolina Pizzolo Torquato. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 18 - n. 1 p. 11-28, Jan./Jun. 2006.

BHABHA, H. *A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo in Buarque de Almeida*. São Paulo: Rocco, 2012.

CORRÊA, Ayrton Dutra. Artista Plástico. *Trajetórias pessoal e profissional*. Revista Contexto e Educação. Editora UNIJUÍ. Ano 16. Nº 64. Out./Dez./2001. P. 61-79.

DUARTE JR. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 3ª edição. São Paulo: Papirus, 1994.

FOCCHI, P. S. *A criança é feita de cem: as linguagens em Malaguzzi*. In: REDIN, M. M. e FOCCHI, P. S. *Infância e Educação Infantil II: linguagens*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2014. 6-21.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1947.

OSTROWER, F. *Universos da Arte*. São Paulo: Editora Campus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PORCHER, L. (org.). *Educação Artística: luxo ou necessidade?* Trad. Ian Michalski. São Paulo: Summus, 1982.

SAUSSURRE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

VASCONCELOS, F. P. *Designare: pontes artístico/educativas na formação docente em Artes Visuais*. Lisboa: Chiador, 2015.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

### Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos

<https://orcid.org/0000-0001-9853-5588>

Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto - Portugal. Mestra em Artes Visuais - UFPB/UFPE.